

NOTÍCIAS DE SÃO MARCOS

da Serra

Edição nº1
Março 2026

Edição Especial

O caminho da renovação

Um Inverno até agora pouco visto

Entrevista com o Presidente

A história por detrás do Folar

NOTÍCIAS DE SÃO MARCOS da Serra

DESTAQUES

EDITORIAL	3
Mudança Histórica em São Marcos da Serra	4
Um Inverno até agora pouco visto e a entrevista ao presidente	6
Uma palavra de reconhecimento à nossa Equipa	12
A história por detrás do Folar	14
Para lá de onde o IC1 nos leva...	16

Ficha técnica:

Propriedade e Edição: Junta de Freguesia de São Marcos da Serra

Periodicidade: Trimestral

Textos: Ruben Teixeira

Director: Márcio Coelho, Presidente da Junta de Freguesia de São Marcos da Serra

Coordenação: Ruben Teixeira

Fotografias cedidas por: Junta de Freguesia de São Marcos da Serra e Ruben Teixeira

Impressão: Junta de Freguesia de São Marcos da Serra

Distribuição: Gratuita



Uma Promessa Cumprida

Estimados Fregueses e Amigos de São Marcos da Serra,

Há momentos na vida pública que transcendem a dimensão política e se transformam em algo de genuinamente pessoal. Este é um desses momentos. Ao assegurar este primeiro número da nossa revista — a vossa revista — sinto uma mistura de orgulho, de responsabilidade e, sobretudo, de gratidão.

Quando, durante a campanha eleitoral do movimento Renovar São Marcos da Serra, nos comprometemos convosco a criar um espaço de comunicação regular entre a junta e todos os habitantes desta freguesia, sabíamos que não seria um caminho simples. Criar uma publicação desta natureza exige tempo, dedicação e recursos que nem sempre abundam numa junta de freguesia. Mas uma promessa é uma promessa — e este número que têm agora entre mãos é a prova de que estamos aqui para cumprir o que dissemos.

"Renovar São Marcos da Serra não é apenas um nome. É um compromisso quotidiano com cada pessoa que vive e trabalha nesta terra."

Foram meses intensos desde que tomámos posse. Muito foi já feito — estradas reparadas, infraestruturas melhoradas, respostas rápidas a emergências, apoio directo às famílias. Mas somos os primeiros a reconhecer que muito mais há a fazer. Esta freguesia merece e exige o melhor de cada um de nós, e é com esse espírito que chegamos todos os dias ao trabalho.

Este inverno trouxe-nos provas inesperadas. As intempéries que assolaram o Algarve — e que tratamos em detalhe nesta edição — testaram a nossa capacidade de resposta e a nossa coesão enquanto comunidade. Saímos dessas provas mais fortes, mais unidos e, acima de tudo, com uma clareza renovada sobre o que realmente importa: as pessoas.

É essa clareza que guia cada decisão que tomamos. Não gastamos o dinheiro dos contribuintes em eventos megalómanos ou em iluminações desnecessárias. Investimos em prevenção, em infraestruturas, em segurança — e em comunicação, como esta revista demonstra.

Obrigado por nos acompanharem neste percurso. Obrigado pela confiança. E, acima de tudo, obrigado por fazerem parte de São Marcos da Serra — a nossa terra, a nossa casa, o nosso orgulho.

Com estima,

Márcio Coelho

Presidente da Junta de Freguesia de São Marcos da Serra

RENOVAR SÃO MARCOS V

RS MMXXV X

Grupo de cidadãos eleitores

Mudança Histórica em São Marcos da Serra:

A Vitória de um Movimento Independente nas Autárquicas de 2025

As eleições autárquicas de 12 de outubro de 2025 marcaram um momento histórico na freguesia de São Marcos da Serra. Pela primeira vez, um movimento independente conquistou a presidência da junta de freguesia, quebrando o ciclo de governação partidária que dominava a política local há vários anos. A vitória do

político tradicionalmente dominado por partidos estruturados e com recursos organizativos, a vitória de uma lista independente revelou-se deveras um desafio hercúleo superado. A campanha teve de

mais significativo porque estas eleições foram também as primeiras na história da freguesia em que concorreram duas listas independentes, esta fragmentação do voto independente poderia ter favorecido os partidos estabelecidos, mas o RSMMXXV conseguiu



movimento RSMMXXV, com 28,97% dos votos, representou não apenas uma mudança de liderança, mas também um sinal claro de renovação política e de mobilização da comunidade.

Um dos aspectos mais marcantes deste processo eleitoral foi o facto de o movimento vencedor não possuir qualquer filiação partidária. Num contexto

assentar sobretudo na proximidade com a população, na credibilidade das pessoas envolvidas e numa forte ligação ao território, demonstrando que a política local também pode nascer diretamente da iniciativa cívica dos cidadãos.

O desafio tornou-se ainda

mobilizar o eleitorado, provando que a vontade de renovação superou a fidelidade às siglas tradicionais.

A participação eleitoral confirmou esse envolvimento da população resultando numa taxa de participação de 71,12%, um aumento muito expressivo face



Os novos rostos da freguesia, do voto à responsabilidade: o momento na tomada de posse

4,66%, ambos sem alcançarem mandatos.

No conjunto, os resultados de 2025 representam uma transformação significativa na vida política de São Marcos da Serra. A eleição de um movimento independente para liderar a junta demonstra que, mesmo num cenário dominado por estruturas partidárias consolidadas,

aos 58,59% registados em 2021. Este crescimento evidencia um maior interesse dos cidadãos no futuro da freguesia e reforça a legitimidade do resultado eleitoral.

No que diz respeito à composição da Assembleia de Freguesia para o mandato 2025-2029, o resultado ficou distribuído entre três forças políticas. O RSMMXXV conquistou 3 mandatos, garantindo a liderança da junta. A coligação PPD/PSD.CDS-PP. IL, que governava a freguesia desde 2017, obteve 27,37% dos votos e 2 mandatos, enquanto a coligação PCP-PEV alcançou 21,11% e também 2 mandatos.

Outras forças políticas não conseguiram representação. O PS, que em 2021 tinha eleito um membro com 11,87%, ficou desta vez pelos 9,61%, perdendo o lugar na assembleia. Também concorreram o JSM, com 5,39%, e o Chega, com



a mobilização cívica local pode abrir novos caminhos. Mais do que uma simples alternância de poder, este resultado simboliza uma nova fase de participação e renovação democrática na freguesia.



Da serra ao mar, também aqui uma nova etapa no Município de Silves

Um inverno até agora pouco visto

As intempéris que nos desafiaram e o que aprendemos com elas

O inverno deste ano ficará, sem dúvida, gravado na memória dos portugueses.

Num território habitualmente associado a invernos amenos,



com mais sol do que chuva, a sucessão de tempestades que atravessou o país – e em particular o Algarve – entre o outono e o início de ano veio pôr a nu fragilidades que já existiam, mas que muitas vezes eram esquecidas. Episódios de chuva intensa, vento forte e cheias repentinas tornaram-se, em poucas semanas, presença constante nos noticiários e nas conversas do dia a dia acabando por se transformar num verdadeiro teste à

resiliência das populações.

Foi, sobretudo, o que aconteceu num espaço de duas semanas que assombrou a noite de muitas famílias sempre preocupadas com o que a noite trazia, o que mais tarde os meteorologistas apelidaram de “comboio de tempestades” trouxe consequências inimagináveis para muitos e, infelizmente, perderam-se mesmo vidas como resultado da acção violenta

da natureza, violência essa muito pouco frequente entre nós. A região de Leiria terá sido porventura a mais fustigada mas muitas outras zonas no país foram severamente afectadas como a Marinha Grande, Coimbra, Figueiró dos Vinhos. Infelizmente quantas mais tempestades se sucediam mais zonas (ou novas zonas) eram atingidas. Quem percorresse o país tinha uma visão singular, onde as cheias eram abundantes e

todo o cuidado a ter seria pouco face à perigosidade das estradas fossem elas principais, caminhos ou até mesmo auto-estradas. Mas nem tudo foram só tragédias, ver a onda de solidariedade que surgiu espontaneamente - com cidadãos dos mais variados pontos do país, sozinhos ou em grupo, a abdicarem do seu tempo livre para acudir às pessoas em tamanha necessidade - é sem dúvida um sinal de esperança necessário nos tempos que correm.

São Marcos da Serra, apesar de não ser uma zona costeira, não ficou imune a este cenário. Também por cá as várias depressões provocaram constrangimentos significativos, afectando estradas, linhas de água, infraestruturas e propriedades privadas. Em algumas zonas da freguesia registaram-se dificuldades de acesso, pequenos deslizamentos de terras, problemas em caminhos rurais e danos em habitações e armazéns. Para uma comunidade com forte ligação ao território, à agricultura e à pequena atividade empresarial,



cada dia de perturbação tem impacto direto na vida das pessoas e nos rendimentos dos negócios locais.

Ao mesmo tempo, estes eventos evidenciaram o papel central das autarquias, em particular das freguesias, na primeira linha de apoio à população. A Junta de Freguesia de São Marcos da Serra teve de alocar meios humanos e materiais para responder rapidamente a situações de emergência, em articulação com o Município de Silves, a Proteção Civil, os bombeiros e outras entidades. Desde a limpeza de vias e desobstrução de valetas, até ao apoio directo a moradores com dificuldades acrescidas, foi necessário garantir presença no terreno, comunicação constante e capacidade de decisão em tempo útil.

Contudo, mais do que reagir, estas intempéries lembraram a importância de planear e prevenir. Fala-se muitas vezes em “planos

actuação. A prevenção passa por intervenções concretas, como a limpeza regular de linhas de água, manutenção de caminhos, verificação de infraestruturas, melhoria de drenagens e reforço dos sistemas de comunicação. Já a mitigação diz respeito às medidas que permitem reduzir o impacto de um evento quando este acontece, desde a existência de geradores e meios alternativos de energia, até à capacidade de mobilizar rapidamente equipas no terreno.

Para tudo isto são necessários técnicos especializados capazes de fazer análises de risco, estudos de vulnerabilidade, planos de contingência e planos municipais de emergência, bem como planos prévios de intervenção ajustados à realidade de cada freguesia. A Proteção Civil, por si só, não é o “*first responder*”; precisa de ter meios e informação atualizada para apoiar o decisor

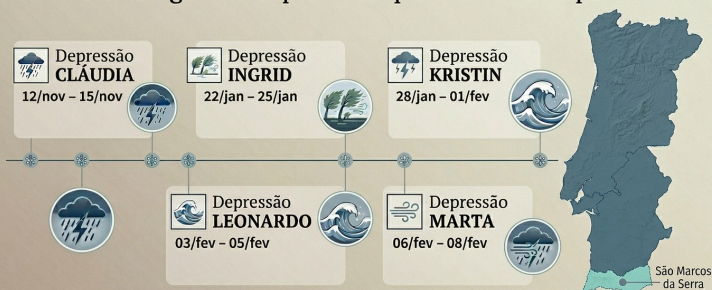
político e orientar as respostas. Se este mapeamento não existir, ou for tardio, corremos o risco de ver planos de emergência serem ativados apenas quando a normalidade já está praticamente reposta – algo que, infelizmente, se verificou em vários

canalizada para festas, eventos, iluminações e iniciativas de grande visibilidade, em detrimento da prevenção de riscos e da modernização de infraestruturas. Não se trata de negar a importância da animação local ou da cultura, mas de reconhecer que, perante fenómenos climáticos cada vez mais extremos, é fundamental recentrar prioridades. Investimentos como sistemas de comunicação por satélite (por exemplo, serviços de internet e voz via satélite, com custos da ordem das centenas de euros na instalação e algumas dezenas de euros mensais), baterias ou geradores de emergência de 4 a 5 kW acessíveis à escala de uma freguesia, podem fazer a diferença em situações de falha prolongada de energia ou comunicações.

Sabia que...

Um gerador de emergência de 4 kW custa cerca de 600€. Uma antena Starlink, desde 284€ de instalação e 39€/mês. Investimentos pequenos com impacto enorme em situações de crise.

Cronologia das depressões que afectaram o país



de emergência”, mas a sua eficácia depende de três fases fundamentais: planeamento, prevenção e mitigação. O planeamento implica conhecer bem o território, identificar vulnerabilidades, mapear zonas de risco, definir prioridades e rotinas de

pontos do país.

Aqui entra também um tema sensível, mas incontornável: a forma como muitos orçamentos locais são distribuídos. Ao longo dos anos, uma parte significativa dos recursos de várias autarquias foi

Em paralelo, discute-se a nível nacional um conjunto de medidas para reforço da resiliência do país desde a melhoria dos sistemas de comunicação de emergência e da rede elétrica, até eventuais alterações na forma como se protege a distribuição de energia em zonas mais vulneráveis. A ideia de enterrar cabos de média tensão em áreas críticas – como hospitais, zonas densamente urbanizadas ou infraestruturas essenciais – é um exemplo do debate em



curso. Tratam-se de soluções muito onerosas e tecnicamente complexas, com vantagens e riscos próprios, mas que ilustram bem a necessidade de pensar a prevenção de forma estruturada e não apenas reativa.

É neste cruzamento entre responsabilidade pública e responsabilidade individual que o movimento “Renovar São Marcos da Serra” pretende afirmar uma forma diferente de fazer política local: menos centrada no imediatismo das festas e mais focada na segurança, na prevenção, na qualificação do território e na proteção efectiva das pessoas. As intempéries deste inverno deixaram marcas, mas deixaram também lições. Cabe-nos, agora, transformar essas lições em ação concreta – com planeamento, com seriedade e com a mesma disponibilidade que a Junta tem demonstrado para estar ao lado da comunidade em todos os momentos.

Porém, a preparação para o futuro não depende apenas do Estado ou das autarquias. A literacia de risco e a chamada “cidadania activa” são componentes essenciais de uma comunidade resiliente. Informar a população sobre a aproximação de uma tempestade, por si só, não chega. É preciso formar, envolver e responsabilizar. Significa isto que todos devemos saber como agir: evitar deslocações desnecessárias, não se aproximar de zonas costeiras ou leitos de cheia, não estacionar veículos sob árvores ou em locais potencialmente perigosos, seguir as instruções das autoridades e proteger, tanto quanto possível, os seus próprios bens.

Neste contexto, os seguros assumem um papel complementar importante. Num país onde uma parte substancial das perdas ligadas a fenómenos extremos não está coberta por apólices de seguro, é natural que, após cada evento, se levantem expectativas de apoios públicos generalizados. No entanto, por mais que o Estado tenha a responsabilidade de apoiar quem é afetado, cada cidadão deve também avaliar a melhor forma de proteger a sua habitação, o seu negócio e o seu património, através de soluções de seguro adequadas. Não é possível prevenir tudo, nem antecipar todos os danos, mas é possível reduzir a sua gravidade e garantir mecanismos de compensação em caso de sinistro.



Quem é o presidente Márcio Coelho, como começou o seu percurso profissional?

Sou uma pessoa que sinto muito as minhas raízes familiares, nomeadamente, as que carrego das gentes da Benafátima e Nave Redonda, pelo que valorizo muito os propósitos de vida que os meus antepassados me têm transmitido de dedicação ao próximo e de proteção aos mais fracos. O meu percurso profissional começou na padaria da minha avó e a servir à mesa no bar dos meus primos em Armação de Pêra. Mais tarde formei-me no nível secundário em Direção e Gestão de Alimentação Bebidas; posteriormente Gestão de Empresas, Administração Pública e Serviço Social. Sou ainda juiz Social no Tribunal de Odemira. Formei-me também como mediador de seguros pela Allianz e, sem nunca esquecer, passei pela nossa Força Aérea e com cerca de oito anos de serviço, tendo passado à reserva da disponibilidade como Cabo Adjunto da Polícia Aérea.

Que dificuldades marcaram o seu percurso e como conseguiu superá-las?

Os maiores desafios que encontrei foram sem dúvida o "obrigatório" afastamento físico dos meus familiares para conseguir cumprir os objetivos propostos... que só consegui superar devido a muita fé em Deus, sabendo que o que me levou a esses sacrifícios foi tentar conseguir melhores condições de vida para eles.

São Marcos da Serra influenciou ou teve impacto na sua trajectória profissional e, eventualmente, nas suas decisões?

Sempre teve impacto desde tenra idade, pois o meu avô materno, que era um grande apoio para nós pois tendo sido a minha mãe uma mãe muito jovem nós perdemo-lo muito cedo (com apenas mais três anos do que eu tenho agora); isto foi algo que, desde miúdo, me deixou desassossegado.

O meu avô tinha uma grande dinâmica nos negócios e na vida da Benafátima: organizava bailes, eventos de caça, etc... Sempre tentei que a minha avó superasse a dor da perda com um pouco do que tentei recriar no que o avô fazia por nós. A minha avó sempre foi a verdadeira Assistente Social (deu comida a tanta gente sem recursos na sua própria casa/mercearia), pelo que quando me decidi formar, sabendo que o meu objetivo seria sempre regressar ao interior, optei pelo serviço social porque descobri que haveria, após o serviço militar, outras formas nobres de servir a Pátria - instrumento essencial nesta nossa Freguesia que tanto precisa de pessoas com conhecimentos para ajudar o povo.

Na sua perspetiva, qual foi a sua contribuição mais significativa para a sua área e para a comunidade?

Julgo que tenho dado vários contributos, mas o mais importante considero ser o facto de ter assumido as funções de Diretor Técnico do Estabelecimento de Apoio Social da Associação Humanitária de São Marcos em que, apoiado pela Direcção do Sr. Jorge Rita e Sr. Luís Correia desde 2018, promovemos uma grande transformação da instituição que a levou a ser o maior empregador da Freguesia. Em 2020 envolvi-me também na recuperação do Serrano Futebol Clube e em 2021 entrei como Tesoureiro da Junta de Freguesia o que me permitiu ganhar conhecimentos para estar onde estou hoje.

Porque motivo enveredou pela política "à seriar" e se candidatou à Presidência da Junta?

A política sempre foi algo que me apaixonou, não pelos bons exemplos dos políticos que costumo acompanhar, mas pela possibilidade que ela nos permite se a nossa vontade for genuína e se a dedicação ao próximo for exercida de

forma nobre; de permitir ter a possibilidade de podermos mudar a vida das pessoas para melhor. Já tive experiências políticas anteriores como vice presidente de uma concelhia, eleito numa Assembleia e vogal de uma Distrital. Entrei na política em São Marcos da Serra para tentar ajudar e adquirir os conhecimentos necessários já com o objetivo em vista (que nunca o escondi) de me candidatar futuramente para renovarmos São Marcos da Serra. Sempre gostei de fazer acontecer e não estar "à espera que os outros façam, de meter culpas na Câmara ou terceiros" e, honestamente, reconheci uma ausência de pessoas com capacidades políticas para assumir esse compromisso. Daí ter, ao longo dos anos e na sombra, começado a formar a nossa equipa de trabalho de que tanto me orgulho!

Como correu o ajuste do quotidiano à função da Presidência? Destaques e maiores desafios?

O meu dia-a-dia mudou muito pois tive que assumir o compromisso de não abandonar a Associação Humanitária de São Marcos da Serra, pelo que o meu dia começa bastante cedo para poder estar diariamente com os funcionários da nossa Freguesia onde chego regularmente antes da sua abertura. Depois, nesta minha rotina, tenho a reunião diária com os operacionais e de seguida entre as 10h e as 18h estou no Centro de Dia. Nas minhas folgas gosto de me dedicar à nossa Junta para que consigamos cumprir a nossa missão. Não é fácil mas acredito que consigo honrar a minha família e amigos com a dedicação que tenho demonstrado e com o nosso trabalho, que em colaboração com a equipa que me acompanha e ainda os projetos inovadores que temos, está já transformar e renovar a nossa Freguesia.

Senhor Presidente, este inverno foi descrito por muitos como "um inverno pouco

visto” no Algarve. Como é que São Marcos da Serra sentiu, na prática, o impacto destas intempéries?

De facto, aquilo que vivemos desde o outono até ao final de Janeiro não é habitual na nossa região. Tivemos períodos de chuva muito intensa, vento forte e sucessivas depressões que afectaram todo o país, e a nossa freguesia não ficou de fora. Em São Marcos da Serra registámos problemas em caminhos rurais, pequenas derrocadas, dificuldades de circulação em alguns pontos, danos em propriedades e preocupações naturais por parte da população. Para uma comunidade que vive muito do contacto com a terra e da mobilidade diária, qualquer perturbação tem impacto direto na vida das pessoas.

Que medidas foram necessárias tomar, em concreto, para responder a essas situações?

Desde logo, activámos aquilo que podemos chamar de resposta de proximidade. Reforçámos a presença no terreno, identificámos as zonas mais críticas, apoiámos a limpeza de vias e valetas, e articulámos de imediato com o Município de Silves, com a Proteção Civil e com os bombeiros. A Junta não tem, nem deve ter, a pretensão de substituir essas entidades, mas tem a obrigação de ser o primeiro elo de ligação entre as pessoas e os meios de resposta. A nossa equipa esteve disponível a qualquer hora, para encaminhar pedidos de ajuda, registar ocorrências e apoiar quem mais precisava.

Falou em articulação com o Município de Silves. Em que áreas é que a Junta é autónoma e em que áreas precisa desse apoio?

A Junta de Freguesia tem autonomia em várias pequenas intervenções de proximidade: limpeza de caminhos, desobstrução de algumas passagens, apoio logístico imediato,

divulgação de informação e acompanhamento direto às famílias. Mas quando falamos de grandes infraestruturas, de estradas municipais, de equipas técnicas especializadas, de meios pesados ou de decisões que envolvem planos de emergência formais, é o Município que tem competência e recursos.

Posso dizer, com toda a honestidade, que o apoio da Câmara Municipal de Silves tem sido absolutamente impagável. Sempre que sinalizámos necessidades mais complexas, tivemos resposta, acompanhamento e disponibilidade para resolver problemas.

Existem planos de emergência específicos para estas situações? Como se activam e quando?

Existem planos municipais de emergência e proteção civil, bem como planos prévios de intervenção que enquadram a actuação em situações de risco. A sua activação depende de critérios técnicos e legais, não é uma decisão tomada de ânimo leve. Há níveis em que a Junta pode, de forma autónoma, desencadear procedimentos internos – como informar a população, mobilizar equipas locais, apoiar evacuações pontuais, colaborar na monitorização de linhas de água ou pontos sensíveis. Mas a ativação formal de um plano municipal de emergência cabe ao presidente da Câmara, após parecer técnico da Proteção Civil. O nosso papel é garantir que a informação chega rapidamente a quem decide e que, no terreno, tudo o que está ao nosso alcance é feito.

Uma das críticas que tem surgido a nível nacional é a de que muitos planos foram ativados tarde, quando a situação já estava praticamente normalizada. Concorda que é preciso rever esta forma de atuar?

Esta é uma questão delicada, porque é sempre mais fácil julgar depois

dos acontecimentos. No entanto, a verdade é que as intempéries recentes mostraram que precisamos de afinar procedimentos. É fundamental que a análise de risco seja feita de forma contínua, que haja mapeamento das vulnerabilidades e que os planos não sejam apenas documentos

formais, mas instrumentos vivos, trabalhados com antecedência. Se tivermos esse trabalho feito, é mais fácil decidir no momento certo. O que não queremos é ver planos de emergência accionados apenas para cumprir formalidades, quando as consequências mais graves já passaram.

Falemos de prevenção. Até que ponto considera que as prioridades de investimento do poder local têm de mudar?

Discutimos isto, aliás, durante a nossa campanha. Há muitos anos que se observa uma tendência para canalizar uma parte significativa dos orçamentos para festas, eventos e iniciativas de grande visibilidade, enquanto a prevenção e a manutenção de infraestruturas ficam em segundo plano. Não estou a dizer que não devemos ter eventos; são importantes para a identidade local, para a economia e para o sentimento de pertença. Mas, perante aquilo que vivemos este inverno, é evidente que temos de reequilibrar prioridades. Investir em sistemas de comunicação robustos, em soluções de energia de emergência, em limpeza e manutenção regular do território é menos “visível”, mas é o que protege verdadeiramente as pessoas quando as coisas correm mal. Em “Renovar São Marcos da Serra” foi sempre claro que o foco está na segurança e no apoio à população, e não em festas megalómanas ou desproporcionais.

Em termos práticos, de que tipo de investimentos está a falar?

Dou alguns exemplos: ter sistemas de comunicação que não dependam apenas da rede móvel habitual, para garantir que, mesmo com falhas na infraestrutura tradicional, continuamos a conseguir comunicar; investir em pequenos geradores ou baterias de emergência que permitam manter serviços essenciais a funcionar em caso de corte de energia; reforçar a limpeza de linhas de água e valetas antes da época de maior risco; ter equipamentos básicos de apoio à população em situações de isolamento. À escala de uma freguesia, muitos destes investimentos são relativamente acessíveis. O problema não é tanto o custo em si, mas a decisão política de lhes dar prioridade.

Referiu a importância da “literacia de risco” e da cidadania activa. O que é que isto significa, na prática, para os residentes de São Marcos da Serra?

Significa, muito simplesmente, que todos temos um papel na prevenção. Informar a população sobre a aproximação de uma tempestade é necessário, mas não chega. É preciso que cada pessoa saiba o que deve fazer: evitar deslocações quando as autoridades o desaconselham, não se aproximar de ribeiras ou zonas de cheia, não deixar viaturas estacionadas em locais potencialmente perigosos, proteger os seus próprios espaços, garantir que caleiras e escoamentos estão limpos. E, sobretudo, confiar nas indicações das autoridades. Cidadania activa é isto: estar informado, mas também estar preparado e assumir responsabilidade pelos seus actos e pelos seus bens.

Falemos precisamente dos bens e das perdas. Como vê a questão dos seguros numa

realidade como a de São Marcos da Serra?

Os seguros não substituem a responsabilidade do Estado nem a obrigação das autarquias em proteger as pessoas, mas são um instrumento essencial de proteção do património. Em fenómenos tão excepcionais como aqueles que vivemos, é natural que muitos cidadãos esperem apoios públicos e subsídios de reparação – e, em muitos casos, esses apoios fazem todo o sentido, sobretudo quando falamos de famílias mais vulneráveis. Mas não podemos ignorar que uma parte significativa dos danos poderia ser mitigada se existisse uma cultura mais enraizada de recurso a seguros adequados. O que defendemos é um equilíbrio: o Estado e as autarquias fazem a sua parte na prevenção e na resposta; os cidadãos, dentro das suas possibilidades, também se precavem, informam-se e adoptam comportamentos responsáveis.

Em síntese, que lição principal retira este inverno para o futuro da freguesia?

A grande lição é que já não podemos olhar para estes eventos como exceções raras. Temos de partir do princípio de que podem voltar a acontecer – e talvez com maior frequência – e preparar-nos em conformidade. Isso passa por um trabalho sério de planeamento, por investimentos em prevenção, por uma articulação estreita entre Junta, Município e Proteção Civil, e por uma comunidade informada e envolvida. O compromisso de “Renovar São Marcos da Serra” é exactamente este: aprender com o que aconteceu, corrigir o que for preciso e estar sempre disponível para servir a nossa população, em qualquer circunstância.



Uma palavra de reconhecimento à nossa

EQUIPA

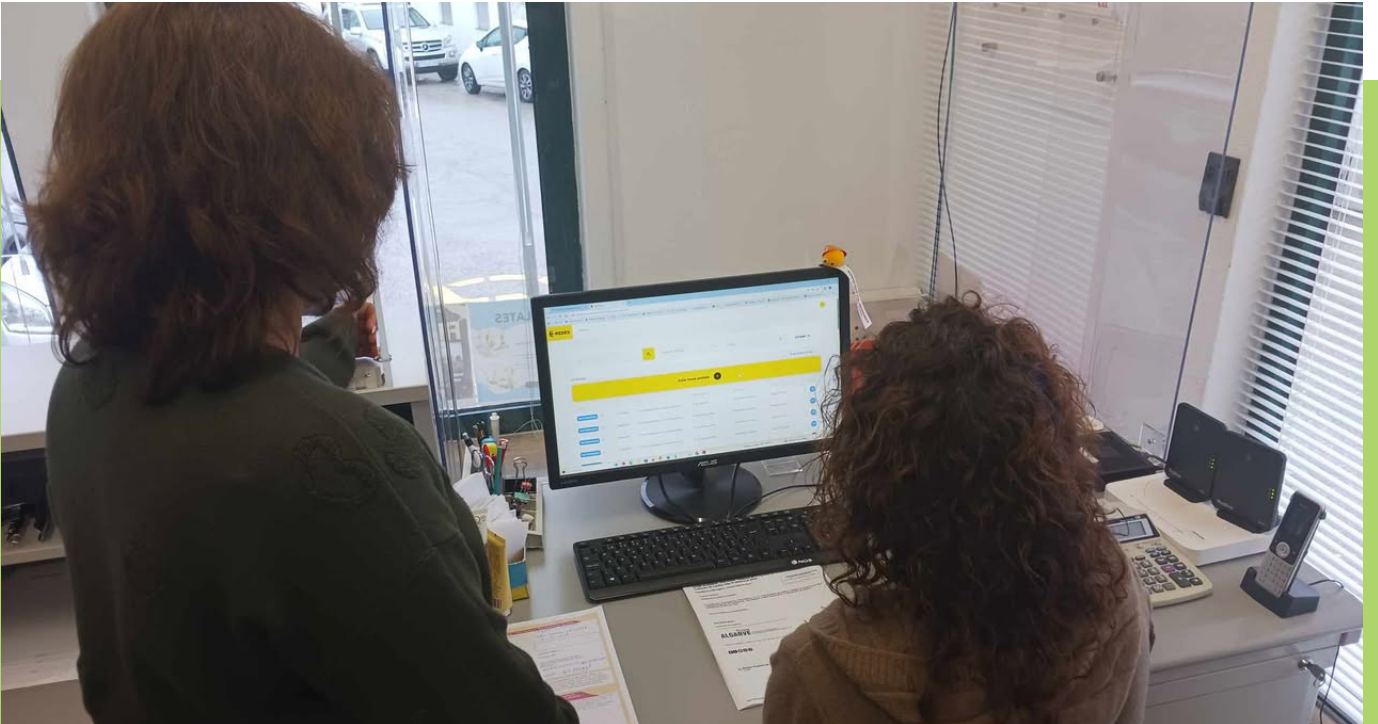


Desde a tomada de posse da nova equipa da Junta de Freguesia, tem sido evidente o empenho, a dedicação e o sentido de responsabilidade demonstrados por todos os seus elementos. Com um trabalho próximo da população e uma presença constante no terreno, têm procurado dar resposta aos desafios da freguesia, sempre com espírito de missão e vontade de servir a comunidade.

Este percurso inicial tem sido marcado por um esforço incansável e por uma forte dedicação ao bem comum, valores que merecem ser reconhecidos. Mais do que funções ou cargos, destaca-se o compromisso assumido com São Marcos da Serra e com todos aqueles que aqui vivem.

Uma palavra de apreço pelo trabalho realizado até aqui, com a certeza de que este caminho continuará a ser construído com o mesmo empenho, proximidade e determinação.





A história por detrás do Folar

O folar, com a sua massa fofa e recheio saboroso, é mais do que um simples pão de Páscoa em Portugal. Ele é, sem dúvida, um dos ícones gastronómicos da tradição pascal, e a sua história, profundamente ligada ao simbolismo e à cultura portuguesa, atravessa gerações. Vamos explorar a origem, o significado, as variações regionais e, ainda, o caso emblemático da Feira do Folar de São Marcos da Serra.

O que é o Folar?

A Criação e Lendas por Trás da Sua Origem

O folar é um pão tradicional, geralmente redondo ou oval, que simboliza a celebração da Páscoa em várias regiões de Portugal. Tradicionalmente, é preparado com farinha, ovos, azeite, fermento e açúcar, embora as receitas variem de região para região, sendo muitas vezes enriquecido com carnes, como o presunto ou enchidos. Mas, mais do que sua composição, o folar carrega consigo um peso simbólico que o torna um alimento único. É difícil atestar com certeza qual a real origem do folar ou da sua tradição já que tão depressa remonta a uma bela jovem que apenas queria um marido como se deve puramente a celebrações de origem pagã do início da Primavera.

A origem do folar remonta a tempos medievais, quando, segundo algumas lendas, as famílias ofereciam folares como gesto de reconciliação, em especial entre padrinhos e afilhados. As histórias são vastas, uma história popular sugere que, na Idade Média, a criação do folar tinha a

ver com um voto de paz. Durante a Quaresma, as pessoas estavam proibidas de consumir alimentos ricos, mas, ao chegar a Páscoa, era costume fazer um grande festim para celebrar a Ressurreição. O folar, com seus ingredientes ricos e seu formato característico, tornava-se então o símbolo de renovação e de abundância.

Outra lenda fala da presença de ovos dentro do folar, que representavam a ressurreição e o ciclo da vida. O ovo é, de facto, um símbolo de fertilidade e renascimento, associado à Páscoa em muitas culturas. Alguns até afirmam que a tradição de incluir ovos no folar surgiu como uma forma de "agendar" a fertilidade do ano seguinte.

Não podemos, ainda assim, deixar de referir a história que está por detrás da "Lenda da Mariana", a jovem que apenas queria casar e ao ter que escolher entre os seus dois pretendentes e, após a ameaça de morte de um, Santa Catarina a quem ela era devota milagrosamente fez aparecer em casa de cada um uma espécie de bolo rodeado das flores da sua reza que veio, mais tarde, a ser conhecido exactamente como folar.

O Folar como Símbolo da Páscoa

Ao longo dos séculos o folar foi-se tornando, sobretudo, cada vez mais associado à celebração pascal. Em tempos antigos, o folar era um prato de luxo, consumido apenas nas grandes celebrações de Páscoa, e sua confeção era um sinal de que o período de abstinência da Quaresma tinha chegado ao fim. A tradição de

preparar folares era um meio de simbolizar a abundância, a reconciliação e a paz, valores centrais na Páscoa cristã. Além disso, o folar representava a união familiar: a receita passava de geração em geração, sendo muitas vezes um momento de partilha e celebração em torno da mesa.

O folar, com sua representação de vida renovada, acabou por se tornar um dos alimentos mais representativos dessa festividade religiosa, sendo oferecido a amigos e familiares durante a Semana Santa. Em algumas regiões, como no norte de Portugal, é comum que as famílias enviem folares aos afilhados como sinal de carinho e proteção, perpetuando a tradição de ligação entre padrinhos e afilhados.

De Norte a Sul, um País de Sabores

O folar não é único em todo o país. Em cada região de Portugal, o folar assume características próprias, com variações no formato, na composição e até mesmo no tipo de recheio. De Norte a Sul, podemos encontrar folares diferentes, mas com um elemento comum: o amor à tradição.

Folar Transmontano: No norte de Portugal, especialmente na região de Trás-os-Montes, o folar, embora possa ser simples, é tradicionalmente feito com carne de porco, presunto ou chouriço, envolvendo a massa em torno desses recheios, que são vistos como símbolos de fartura.

Folar Algarvio: No sul, o folar

tem uma versão mais simples e doce, muitas vezes apenas com ovos, que é considerado o mais típico na região algarvia. O foliar algarvio é conhecido por sua textura leve e sabor suave, sem o uso de carnes, tornando-se mais um bolo de Páscoa do que um pão propriamente dito.

Folar Beirão: Na Beira, o foliar assume uma versão um pouco mais trabalhada, com uma massa densa e frequentemente decorada com ovos cozidos, onde os enchidos também voltam a brilhar. A utilização de amêndoas e outros frutos secos também é característica desta região, tornando o foliar mais rico e aromático.

Folar Madeirense: Na Madeira, o foliar assume uma forma mais festiva, com uma grande quantidade de ovos cozidos no topo e uma massa fofo que, muitas vezes, é aromatizada até com vinho. A tradição insular vai ainda mais longe ao envolver o foliar em rituais religiosos específicos, sendo, por exemplo, oferecido durante as Missas de Páscoa.

A Feira do Folar de São Marcos da Serra: Um Encontro com a Tradição

Em pleno coração da Serra, o pequeno povoado de São Marcos da Serra, no concelho de Silves, celebra todos os anos um dos maiores eventos dedicados ao foliar em Portugal: a Feira do Folar. A feira, que ocorre durante o fim de semana da Páscoa, não só exhibe as várias versões de folares típicos da região, como também é um ponto de encontro para aqueles que querem preservar e celebrar as tradições locais. São Marcos da Serra é uma localidade profunda-

mente ligada à produção do foliar. Aqui, as famílias continuam a transmitir de geração em geração as receitas e os saberes ancestrais que tornam o foliar de São Marcos único. Não é apenas o sabor que torna o foliar desta região especial, mas também o ambiente festivo que acompanha a feira: um mercado animado onde artesãos, produtores locais e turistas se juntam para partilhar experiências, saberes e, claro, folares. A feira vai além da simples venda de folares. Ela representa uma afirmação da identidade local e uma forma de resistência às influências externas. É um lugar onde o foliar é mais do que um alimento; é um símbolo de resistência, de comunidade e de herança cultural. E é também um reflexo de como, no Alentejo e no Algarve, a tradição do foliar se mantém viva, adaptando-se aos tempos mas nunca perdendo a sua essência.

O foliar é mais do que um simples alimento da Páscoa. Ele é um elo entre o passado e o presente, uma representação da união, da renovação e da abundância. A sua história, que mistura lendas, simbolismo religioso e tradições familiares, é o reflexo de uma cultura profundamente enraizada na celebração da vida e da partilha. Cada região de Portugal traz consigo um foliar único, que carrega consigo o saber e a história de gerações. E, como se isso não fosse suficiente, eventos como a Feira do Folar de São Marcos da Serra asseguram que esta tradição continue a ser vivida e celebrada com entusiasmo e orgulho, garantindo que o foliar, o verdadeiro emblema da Páscoa portuguesa, nunca se perca.

REZA DA MARIANA

**Minha roquinha
esfiada,
Meu fusinho por encher,
Minha sogra enterrada,
Meu marido por nascer.
Minha Santa Catarina,
Com devoção e carinho
Tomai-vos minha madrinha,
Arranjai-me um maridinho.**

E agora que já estarão a salivar deixo-vos o convite, já que infelizmente nunca poderão vir a provar o melhor foliar de Portugal, sem qualquer dúvida o tão sobejamente conhecido foliar da “Tia Alice”, aproveitem o primeiro fim-de-semana já de Abril e venham fazer-nos uma visita à nossa feira e dar uma dentada nos folares que por lá encontrem.

O mundo entrou em ebulição, mas será que nós temos todos os factos?

A maioria das pessoas deverá ter “sentido” realmente pela primeira vez as ondas de choque da intervenção americana na semana em que fomos abastecer e os combustíveis tinham aumentado 23 cêntimos, mas será que isso foi mesmo necessário ou tem correlação directa ao conflito? Será que as pessoas têm a noção real do que se passa ou o porquê de uma intervenção militar tão rápida logo após uma intervenção na Venezuela que uma boa parte não acreditava que aconteceria?

Para nos debruçarmos neste tema é impossível não dar o devido valor à “real politike”, ao papel que os seus agentes têm, mas sobretudo a uma aparente despreocupação e uma cada vez mais afasia de quem lá os coloca. Só depois se deve inserir o factor principal que é, de facto, a geopolítica mundial e a luta pelo seu controlo.

Cada vez mais vemos diversas interpretações para o mesmo facto político tal como as devidas justificações para os seus actos. As posições tendem a extremar-se com retóricas que apenas servem para justificar facções, interesses ou, por vezes, apenas o espaço para poderem comentar esquecendo muitas vezes a realidade dos factos ou manipulando esses mesmos factos consoante os seus interesses – numa era em que a IA cada vez mais

comanda, os meios tradicionais não fazem a devida investigação para informar correctamente a população é, no mínimo, assustador. Num mundo como o que nós estamos, quem acredita de facto que os EUA está munido de boas intenções e que apenas pretende despojar o mundo da tirania como a que governa o Irão (e que tantos se esqueceram nos últimos meses de recriminar quando eventos tão mais insignificantes eram um cavalo de batalha)? A intenção deste artigo é informar mas também, numa breve nota, chamar a atenção para a verdadeira essência do que realmente se passa no mundo numa altura em que o jornalismo, o verdadeiro jornalismo, tende a desaparecer por detrás de uma política cada vez mais feroz do lucro onde já não existem notícias apenas reproduções bem como a disciplina do click e do imediato interesse que determinadas matérias possam ou não gerar ou, por outro lado, o quanto cada vez mais querem silenciar determinados actores por fazerem “perguntas incómodas” acusando-os de palavras tão comuns hoje como “fake news” ou “jornalixo”.

O que justificará um conflito em que o ocidente gasta vários milhões de dólares/libras, seja em mísseis ou até mesmo aeronaves, para aba-

ter um drone que na melhor das hipóteses custa cerca de 50.000\$ num rácio completamente desproporcional? A decisão de Washington de avançar para uma intervenção militar directa contra o Irão não é um evento isolado, mas sim o culminar de uma estratégia de “pressão máxima” que falhou na via diplomática. Os motivos invocados pela Casa Branca centram-se na neutralização definitiva do programa nuclear iraniano e na destruição da infraestrutura de mísseis balísticos, que os serviços de inteligência norte-americanos e israelitas consideravam ter atingido um ponto de “ameaça iminente” e irreversível. No entanto, o pensamento crítico exige olhar para além da retórica de segurança: esta acção visa uma mudança de regime que procura erradicar a influência regional do Irão e do seu braço militar, a Guarda Revolucionária, redesenhando um Médio Oriente onde a hegemonia americana e a segurança de Israel deixem de ser contestadas. As consequências desta operação são já visíveis e ameaçam ser catastróficas. O mundo enfrenta agora uma instabilidade geopolítica que fragmenta ainda mais as relações internacionais, forçando países árabes a um equilíbrio precário entre a segurança prometida pelos EUA e a fúria da retaliação

Não é só o que se passa na nossa rua ou sequer na nossa terra que tem influência nas nossas vidas e, eventualmente, a capacidade para a alterar por completo.

Com esta rúbrica pretendemos dar voz a todos os fregueses com algo de significativo que aconteça para lá de onde o ICI nos leva. Convidamos todos a submeterem um artigo com uma análise do mundo lá fora (seja no país ou no mundo,) com o tema à vossa escolha, o escolhido será publicado na edição da nossa revista.

Nesta 1ª edição começamos nós e com um tema incontornável.

ESCREVA-NOS

Email:

freguesiasaomarcosdaserra@gmail.com

iraniana, que já atingiu o tráfego marítimo e infraestruturas civis na região.

Para a Europa, e para Portugal em particular, o impacto é sentido de forma imediata e severa. Enquanto os EUA gozam de uma relativa independência energética, o Velho Continente permanece vulnerável à volatilidade do mercado. Portugal, embora tenha diversificado as suas fontes de energia, não é imune ao choque sistémico: o encerramento parcial do Estreito de Ormuz fez disparar os preços do Brent para valores próximos dos 120 dólares por barril, o que se traduz num aumento directo nos combustíveis e, por efeito de arrastamento, em toda a cadeia logística de bens de consumo. É impossível negar que rapidamente este conflito terá consequências nas nossas carteiras quanto mais este conflito se arraste no tempo. A possibilidade de uma crise financeira global é, por isso, real e iminente.

A intervenção causou um "choque de oferta" energético que alimenta uma inflação que os bancos centrais mal tinham conseguido controlar. Um aumento prolongado do preço do petróleo e do gás agravará as pressões inflacionistas e poderá atrasar a recuperação económica de vários países europeus. Sendo o nosso país altamente dependente de importações energéticas, um choque nos preços internacionais reflectir-se-á rapidamente nos custos de transporte, na electricidade e no preço dos bens essenciais e como consequência o custo do dinheiro poderá subir novamente para travar a escalada de preços, sufocando o crescimento económico.

Tudo isto por um jogo de poder e influência que há muito se joga nos bastidores e que ditará o poder para as novas gerações, onde face à ameaça de um país se tornar a nova força dominante global, que esteve por dias



segundo várias latitudes, os EUA viram-se obrigados a agir ou veriam o dólar deixar de ser a moeda de referência mundial. De resto uma "absoluta coincidência" que os dois países alvos destas intervenções fossem, até há poucas semanas, os maiores exportadores de petróleo fora da moeda norte-americana. E já agora que estamos no campo das coincidências... Algum dos nossos fregueses já ouviu falar na família Adelson e a sua influência nos EUA ou na sua política externa? Será com toda a certeza uma simples coincidência o papel de Miriam Adelson e das suas contribuições à Casa Branca no centro deste conflito.

Que mundo nos espera quando se brinca às guerras por puro capricho ou em benefício próprio numa cada vez mais notória actualização sem o devido planeamento ou sequer avaliação das consequências que afectarão todos sem exceção. Que mundo será este em que os "checks and balances", outrora o epíteto da democracia, fazem de conta e onde até Témis desvendou os seus olhos e claramente olha apenas para onde lhe mandam... Talvez para ter um pequeno vislumbre do que é apreciar um bom charuto enquanto ainda pode!

Silves
câmara municipal



XXVIII
FEIRA DO
FOLGAR
ABRIL. 3. 4. 5

São Marcos
da Serra '26



org. Silves
câmara municipal



apoio



Sociedade
de Recreio
e Instrução
de S.M. Serra

CA
Crédito Agrícola
Terras do Alentejo

visit Algarve
Portugal

3. ABRIL . Sexta-feira

- 11H00 – Abertura da Feira
- 12h30 – Performance Capoeira pelos jovens de São Marcos da Serra | Muzenza Algarve - Serrano Futebol Clube
- 13H30 – Orquestra de Percussão “Os Percutunes”
- 14H00 – Grupo de Dança STAM
- 14H30 – Cerimónia Protocolar de Inauguração do Evento
- 15H00 – Celebrações Religiosas:
Paixão do Senhor, na Igreja Matriz de São Marcos da Serra
- 16H30 – Associação de Cante Alentejano “Os Ganhões de Castro Verde”
- 17h30 – Grupo de Cantares “Amigos da Pedreira”
- 18H30 – Rancho Folclórico de São Bartolomeu de Messines
- 20h00 – Hora do Fado: Tatiana Pinto com Bruno Davide (viola) e Gonçalo Rosa (guitarra Portuguesa)
- 21H00 – Encerramento da Feira

4. ABRIL . Sábado

- 11H00 – Abertura da Feira
- 13h00 – Aula de musicoterapia com Eulália Nunes - professora da Associação Humanitária de São Marcos da Serra | Casa Museu da Serra
- 14H00 – Clube da Batucada da Casa do Povo de São Bartolomeu de Messines
- 14H30 – Grupo de Cantares “As Ceifeiras de Tunes”
- 15h15 – Rancho Folclórico de Algoz
- 16h00 – Música de Baile com Fernando Pereira
- 18h45 – Xelb Tuna - Tuna Mista da Escola Superior de Saúde Jean Piaget - Algarve
- 19h30 – Música Tradicional Portuguesa com o Grupo “Folia Vadia”
- 21H00 – Encerramento da Feira
- 21H30 – Baile da Pinha com o acordeonista Mário Neves | Sede da Sociedade de Recreio e Instrução de São Marcos

5. ABRIL . Domingo

- 11H00 – Abertura da Feira
- 14H00 – Talentos D’aldeia com Dinis Candeias e Lourenço Guerreiro
- 14h30 – Grupo Coral da Casa do Povo de São Bartolomeu de Messines
- 15h00 – XelbInSax - Sociedade Filarmónica Silvense
- 15h30 – Celebrações Religiosas | Igreja Matriz de São Marcos da Serra
- 17h00 – Ilídio Guerreiro – Comediante Algarvio
- 18H00 – Artista Popular ÁGATA
- 21H00 – Encerramento da Feira

Outras Informações:

- » Apontamentos de Animação de Rua | Casa Museu da Serra aberta das 11h00 às 21h00 - diariamente
- » Workshop “O meu primeiro foliar” para crianças - 4 e 5.abril - 15h00 - Casa Museu da Serra * Pré-inscrição no stand do Geoparque Algarvensis

PROGRAMA.



Junta de Freguesia de São Marcos da Serra

Largo da Igreja

8375-257 São Marcos da Serra

282 361 119

